

# Geração Digital: Riscos e Competências

## The Digital Generation: Risks and Skills

Catarina Maia<sup>1</sup>, Susana Lopes<sup>2</sup>, Tânia Lopes<sup>2</sup>, Cristina Madureira<sup>2</sup>, Filipe Oliveira<sup>2</sup>, Cláudia Fontes<sup>2</sup>, Paula Fonseca<sup>2</sup>

1. Serviço de Pediatria, Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia / Espinho, EPE, Portugal

2. Centro Hospitalar do Médio Ave, EPE, Portugal

Acta Pediatr Port 2015;46:232-8

### Resumo

**Introdução:** O acesso às tecnologias digitais (internet, computador e telemóvel) faz parte do quotidiano dos adolescentes e implica uma vigilância atenta. Este estudo teve como objetivos caracterizar a utilização das tecnologias pelos adolescentes, analisar a prevalência de *cyberbullying* e determinar a existência de associação entre as variáveis anteriores e a sintomatologia depressiva.

**Métodos:** Estudo transversal baseado na aplicação de um questionário sócio demográfico e de um questionário sobre tecnologias digitais a adolescentes. A amostra foi dividida em adolescência precoce (grupo I) e adolescência média e tardia (grupo II). Aos adolescentes com idade igual ou superior a 13 anos foi também aplicado o Inventário de Depressão de Beck. O nível de significância considerado foi 0,05.

**Resultados:** Foram incluídos 375 adolescentes, 52,4% raparigas, mediana de 14 anos. Destes, 97,6% tinham computador com internet no domicílio. Verificou-se que um terço dos adolescentes comunicavam através da internet ou telemóvel mais do que uma vez por dia. Aproximadamente 70% tiveram o primeiro telemóvel antes dos 11 anos, com uma aquisição mais precoce no grupo I. Da amostra estudada, 80% não desligavam o telemóvel à noite. Relativamente ao acesso à internet, cerca de 80% fizeram-no pela primeira vez antes dos 11 anos. A maioria dos inquiridos tinha perfil em rede social, sendo que 15,7% já tinham estado envolvidos em situações de *cyberbullying*. Do subgrupo analisado, 80,6% não apresentavam depressão e 9,1% tinham depressão moderada ou grave. Encontrou-se associação entre envolvimento em situações de *cyberbullying* e depressão ( $p = 0,002$ ).

**Discussão:** O acesso às tecnologias digitais é praticamente universal e cada vez mais em idades mais precoces. A associação entre *cyberbullying* e depressão deve ser estudada.

**Palavras-chave:** Comportamento do Adolescente; Internet; Telemóveis; Depressão; *Bullying*

### Abstract

**Introduction:** Access to electronic devices is part of the daily lives of adolescents and requires close monitoring. The present study aimed to characterize the use of digital technology (computer, internet and mobile phone) by teenagers, to analyze the prevalence of cyber-bullying and to relate these factors with depression.

**Methods:** All participants completed a sociodemographic questionnaire and a questionnaire about digital technology. The sample was divided into early adolescence (group I) and middle and late adolescence (group II). The presence of depressive symptoms were assessed according to the Beck Depression Inventory-II (BDI-II). The level of significance was considered to be 0.05.

**Results:** The study included 375 students, 52.4% girls, median age 14 years. Of the total sample, 97.6% had a computer with internet access at home. One third of them communicate via the internet or mobile phone more than once per day, and 70.3% had their first mobile phone before the age of 11, and even younger in group I. Approximately 80% do not turn off their phone at night. About 80% accessed the internet for the first time before the age of 11. About 90% had a profile on social

networking and 15.7% have been involved in cyber-bullying situations. Results indicated the presence of moderate or severe depression in 9.1% of the sample analyzed. An association was found between involvement in cyber-bullying and depression ( $p=0.002$ ).

**Discussion:** Access to digital technologies is virtually universal and is increasing at ever younger ages, so it is important to implement strategies for risk prevention. The association between cyber-bullying and depression should be studied.

**Keywords:** Adolescent Behaviour; Internet; Cell Phones; Depression; Bullying

### Introdução

O mundo virtual tem vindo progressivamente a confundir os seus limites com o real e, cada vez mais frequentemente, parte significativa do desenvolvimento social e emocional dos adolescentes acontece em frente ao computador e/ou telemóvel. O acesso crescente a estas tecnologias digitais, com os benefícios e riscos daí decorrentes, faz parte do quotidiano desta geração e tem sido

objeto de várias preocupações.<sup>1</sup> Na verdade, este tema pode ser controverso, tendo em conta as perspetivas divergentes. Por um lado, a internet é um meio de educação e uma atividade recreativa, com potencial para o bem-estar físico e psicológico, permitindo manter contacto com familiares e amigos, criar novas amizades, realizar trabalhos escolares, reforçar as capacidades de escrita e criativas. Por outro lado, devido à inexperiência e suscetibilidade dos adolescentes à pressão dos pares e dos meios de comunicação, coexiste uma vertente de abuso e de experiências potencialmente negativas, como a exploração sexual e o envolvimento em situações de *cyberbullying*. Durante a última década, esta nova forma de *bullying* tem tido um crescimento significativo entre os adolescentes.<sup>2</sup> Apesar de não existir uma definição consensual, o *cyberbullying* é geralmente referido como a utilização de meios eletrónicos para causar intencionalmente dano a uma potencial vítima, de forma repetida e perpetuada ao longo do tempo. A prevalência varia consideravelmente entre estudos e países, desde 1 a 62%.<sup>2</sup> Existem múltiplas características que distinguem o *cyberbullying* do *bullying* tradicional. Os agressores no *cyberbullying* beneficiam de um grau de autonomia e invisibilidade que nem sempre é possível nas formas mais tradicionais. Para as vítimas a agressão é persistente, pois após o ataque ser iniciado é difícil ou mesmo impossível eliminá-lo. Deste modo, o impacto do *cyberbullying* pode ter repercussões mais graves do que na forma tradicional,<sup>2</sup> uma vez que é especialmente perturbador para as vítimas e possivelmente mais facilitado para o agressor.

Há evidência de que a intensidade da utilização da esfera *online* poderá ser um fator desencadeador de sintomas depressivos em alguns adolescentes,<sup>3</sup> bem como influenciar a autoestima e a qualidade das interações sociais. Do mesmo modo, o envolvimento em situações de *cyberbullying* também parece estar associado a estes distúrbios.<sup>2</sup> Em Portugal, os estudos existentes sobre esta problemática são ainda escassos. Em 2010, decorreu a quarta edição do estudo Health Behaviour in School-Aged Children (HBSC), promovido pela Organização Mundial de Saúde e liderado em Portugal pela equipa do Projeto Aventura Social,<sup>4</sup> que teve como objetivos estudar os estilos de vida dos adolescentes e os seus comportamentos nos vários cenários da sua vida. Neste estudo foram identificadas várias áreas que merecem preocupação, nomeadamente o aumento da percentagem de jovens que usam o computador mais de quatro horas por dia e o aumento de casos de violência através do uso das novas tecnologias digitais. Em 2011, um estudo envolvendo uma amostra escolar portuguesa de 638 adolescentes, pretendeu caracterizar a utilização da internet entre os

adolescentes e determinar a prevalência do uso patológico da internet,<sup>5</sup> tendo identificado um padrão de uso de internet *borderline* em 18% e patológico em 1,2%. Estes estudos nacionais evidenciam que esta é uma problemática também emergente no nosso país, que necessita de um conhecimento aprofundado e de uma vigilância atenta.

O presente estudo teve como objetivos:

1. Caracterizar a utilização das tecnologias digitais pelos adolescentes;
2. Determinar a prevalência de *cyberbullying*;
3. Relacionar a utilização das tecnologias digitais e o envolvimento em situações de *cyberbullying* com a ocorrência de sintomas depressivos.

## Métodos

### Desenho e protocolo do estudo

Estudo observacional descritivo e transversal, baseado na aplicação de um questionário sócio demográfico e de um questionário sobre a utilização de tecnologias digitais (computador, internet e telemóvel) a adolescentes de uma escola do distrito de Braga. A amostra era constituída por alunos do segundo e terceiro ciclos do ensino básico e do ensino secundário, sendo as turmas selecionadas aleatoriamente, de forma a incluir duas turmas por ano escolar. Foram solicitados a autorização do diretor da escola para a sua aplicação e o consentimento informado dos pais dos alunos. Procedeu-se à aplicação do questionário na sala de aula, após explicados aos alunos dos objetivos do estudo, o caráter voluntário da sua participação e o tratamento dos dados de forma anónima e confidencial. Os questionários foram entregues aos alunos pelo professor responsável pela turma e preenchidos durante o período letivo. A amostra foi dividida em:

- Grupo I: Adolescência precoce, dos 10 aos 13 anos;
- Grupo II: Adolescência média e tardia, dos 14 aos 19 anos.

Aos adolescentes com idade igual ou superior a 13 anos foi também aplicado o Inventário de Depressão de Beck.

### Instrumentos utilizados:

- Inventário de Depressão de Beck - II (IDB-II),<sup>6</sup> aprovado para avaliação da sintomatologia depressiva em adolescentes a partir dos 13 anos e em adultos. O IDB-II é uma escala de autoavaliação, que se baseia em 21 questões sobre sintomas e atitudes, cada uma composta por quatro afirmações, em que o inquirido deve selecionar a mais adequada à forma como se sente. Cada parâmetro é pontuado de acordo com uma escala de 0 a 3. O soma-

tório da pontuação atribuída aos parâmetros avaliados permite obter a pontuação final, sendo que:

- 0-13 corresponde a “sem depressão / depressão mínima”;
- 14-19 corresponde a “depressão leve”;
- 20-28 corresponde a “depressão moderada”;
- 29-63 corresponde a “depressão severa”.

Este questionário foi previamente validado para a população portuguesa.<sup>7</sup> O *cut-off* utilizado para dividir os adolescentes em “sem depressão” e “com depressão” foi de 13 pontos, à semelhança do sugerido por um outro estudo português.<sup>8</sup>

- Questionário construído pelos autores, não validado, versando dados sócio demográficos (género, idade, ano de escolaridade) e características da utilização das tecnologias digitais, que compreendiam a existência de computador e de acesso à internet no domicílio, utilização de telemóvel, idade em que decorreu o primeiro acesso à internet, idade da aquisição do primeiro telemóvel, duração de utilização diária, local de acesso, atividades *online*, tipo de comunicação e destinatários, grau de exposição pessoal, adoção de diferentes identidades na rede e envolvimento em situações de *cyberbullying* (situações de intimidação ou provocação através do telemóvel ou internet) e outros comportamentos de risco. Consideraram-se comportamentos de risco *online* a adoção de diferentes identidades na rede e a partilha de informações pessoais com estranhos. Relativamente à definição de utilização excessiva das tecnologias, esta não é consensual. Neste estudo, o *cut-off* utilizado foi um período de tempo igual ou superior quatro horas por dia, de forma a comparar os resultados com o estudo HBSC.<sup>4</sup>

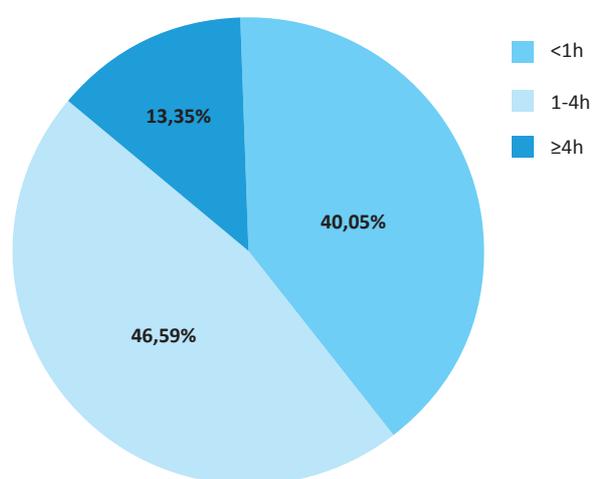
#### Análise estatística

Nas comparações entre os grupos baseadas em variáveis categóricas, foi usado o teste de qui-quadrado de independência. Nos casos em que não se verificaram as condições de aplicabilidade deste teste, foram utilizados resultados do teste exato de Fisher. Nas comparações entre os dois grupos baseados em variáveis contínuas, recorreu-se ao teste t para amostras independentes ou ao teste não paramétrico de Wilcoxon-Mann-Whitney quando as amostras eram de dimensão reduzida. Para medir o grau de correlação entre duas variáveis contínuas utilizou-se o coeficiente de correlação de Pearson. Para a análise estatística utilizou-se o programa informático SPSS *version* 20. Considerou-se uma probabilidade de erro tipo I ( $\alpha$ ) de 0,05 em todas as análises inferenciais.

## Resultados

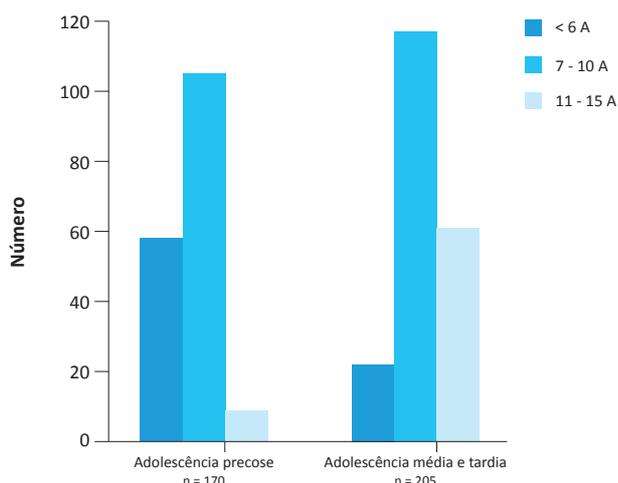
Foram incluídos 375 adolescentes, 52,4% do sexo feminino, com mediana de idade de 14 anos (10-19 anos). Destes, 45,2% pertenciam ao grupo I e 54,8% ao grupo II. Dos adolescentes estudados, 97,6% tinham computador com acesso à internet no domicílio, sendo que 60% o utilizavam pelo menos uma hora por dia durante a semana (Fig. 1), aumentando este valor para 75% ao fim de semana. Relativamente à internet, verificou-se que a maior parte dos adolescentes (80,2%) referia o seu primeiro acesso antes dos 11 anos, sendo que a idade do primeiro acesso era significativamente inferior no grupo I ( $p < 0,001$ ) (Fig. 2). Um terço dos adolescentes revelou comunicar com os amigos através da internet mais do que uma vez por dia (Fig. 3). Como principais meios utilizados para aceder à internet, destacaram-se o computador portátil (87,2%) e o telemóvel (59%), preferencialmente no domicílio, sendo a internet principalmente utilizada para visitar perfis em redes sociais, anexar fotos ou vídeos e jogar *online* (Fig. 4). Não se encontrou diferença estatisticamente significativa entre géneros relativamente ao tempo de utilização da internet.

Dos adolescentes, 83,7% revelaram ter telemóvel e destes 70,3% tiveram o primeiro destes equipamentos antes dos 11 anos. Um terço da amostra demonstrou comunicar com os amigos através do telemóvel mais do que uma vez por dia, sendo o telemóvel mais utilizado pelas raparigas. A idade de aquisição do primeiro telemóvel foi mais precoce no grupo I ( $p < 0,001$ ). Cerca de 80% dos inquiridos não desligavam o telemóvel durante o sono, predominantemente as raparigas ( $p = 0,036$ ) e o grupo II ( $p < 0,001$ ) e 44% recebiam mensagens ou chamadas durante a noite.



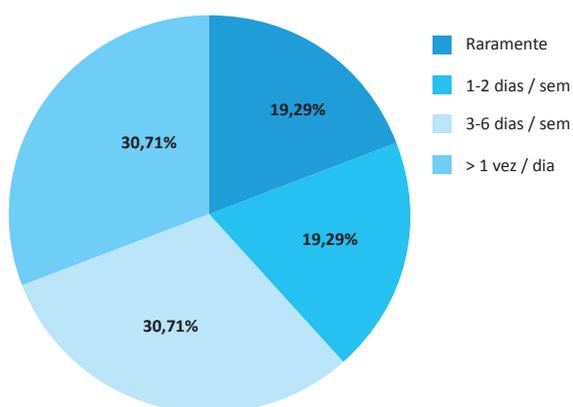
h - horas.

**Figura 1.** Tempo de utilização do computador durante a semana (n = 375).



A - anos.

Figura 2. Idade do primeiro acesso à internet por grupos (n = 375).



sem - semana.

Figura 3. Frequência de utilização da internet (n = 375).

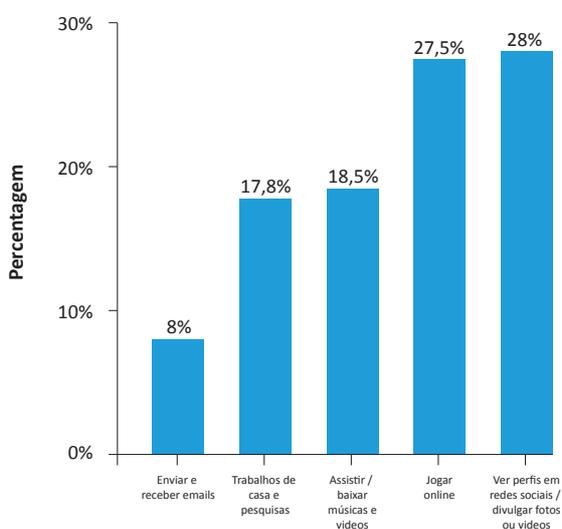


Figura 4. Finalidade preferencial da utilização da internet (n = 309).

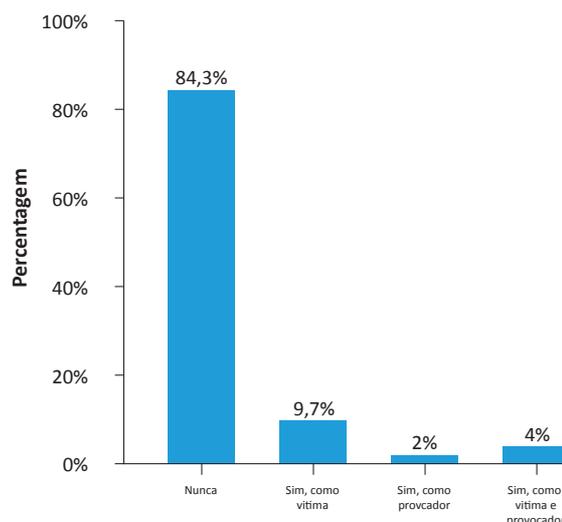


Figura 5. Envolvimento em situações de cyberbullying (n = 351).

A maioria dos adolescentes (90%) admitiu possuir perfil em rede social e 43,5% mais de 400 contactos. Os adolescentes sem perfil em rede social eram significativamente mais jovens ( $p < 0,001$ ). O número de contactos em rede não foi estatisticamente diferente entre géneros.

No que respeita a comportamentos de risco *online*, 15 (4%) adolescentes admitiram já ter simulado ser outra pessoa na internet, 21 (5,6%) assumiram ter cedido informação pessoal a desconhecidos *online*, 14 (4%) revelaram ter a morada ou número de telemóvel visíveis no seu perfil e 66 (18,1%) revelaram situações de desagrado perante a exibição de fotos ou vídeos seus na internet. Cerca de metade da amostra (54%) relatou já ter feito amigos através da internet, sendo que destes, 56% os vieram a conhecer pessoalmente, predominantemente os adolescentes de idade superior. Aproximadamente 65% referiram adotar configurações para que só os amigos pudessem ter acesso à sua informação.

Relativamente a situações de *cyberbullying*, 15,7% assumiram já ter estado envolvido (Fig. 5), verificando-se uma associação positiva com a frequência de utilização do telemóvel, computador e internet ( $p < 0,05$ ). Encontrou-se uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos, sendo que os adolescentes mais velhos (grupo II) reportaram envolvimento mais frequente nestas situações ( $p = 0,001$ ). Não se encontrou diferença estatisticamente significativa entre géneros. O comportamento de *cyberbullying* mais utilizado foi a ofensa (77,2%), seguindo-se a ameaça (34,5%) e a provocação sexual (19%), principalmente através das redes sociais (82,1%) e telemóvel (39,3%). Dos adolescentes expostos a situações de *cyberbullying*, 81,5% revelaram-

-no a terceiros, 63% aos amigos e 37% aos pais. Utilizou-se a escala IDB-II traduzida para português para identificar e classificar a presença de sintomatologia depressiva. Contabilizaram-se 253 respostas válidas, com valores totais que variaram entre zero e 40 pontos e uma média de oito pontos. Deste subgrupo, 80,6% não apresentavam critérios para depressão, 10,3% apresentavam depressão leve, 6,3% depressão moderada e 2,8% depressão grave. Encontrou-se associação entre envolvimento em situações de *cyberbullying* e depressão ( $p = 0,002$ ) (Tabela 1). Verificou-se uma correlação positiva entre a idade e o *score* total IDB-II ( $p = 0,006$ ;  $r = 0,173$ ), assim como uma relação estatisticamente significativa entre o género feminino e o *score* total IDB-II ( $p = 0,001$ ), ou seja, as raparigas e os adolescentes mais velhos apresentaram valores totais significativamente mais elevados na escala de avaliação da sintomatologia depressiva. Não se encontrou associação entre a presença de depressão e o tempo excessivo de utilização da internet ou computador (Tabela 1).

## Discussão

O acesso às tecnologias digitais é praticamente universal entre os adolescentes. Tal como era esperado, neste estudo verificou-se que a grande maioria dos adolescentes inquiridos é utilizadora dessas tecnologias (computador, internet e telemóvel), o que está de acordo com os estudos existentes sobre este assunto.<sup>3,9,10</sup> No entanto, no que se refere à frequência de utilização das novas tecnologias, os resultados deste estudo foram, de forma global, inferiores aos reportados no estudo HBSC.<sup>4</sup> Várias variáveis podem justificar estas diferenças, nomeadamente o tamanho da amostra e o tipo de população utilizada.

Outro resultado interessante deste estudo foi o facto de a idade do primeiro contacto com o telemóvel e internet ter sido inferior no grupo I (10-13 anos), o que parece corroborar a ideia de uma maior generalização do acesso às tecnologias digitais e da sua ocorrência em idades cada vez mais precoces.

A internet é considerada como local primordial de socialização e entretenimento para os adolescentes.<sup>11,12</sup> Os participantes do presente estudo usavam preferencialmente a internet para acesso às redes sociais, tal como referido num outro estudo nacional.<sup>5</sup>

Relativamente ao telemóvel, num estudo realizado na Bélgica, os adolescentes que referiam ser acordados ocasionalmente pelo som do telemóvel (mensagens de texto ou telefonemas) mostravam mais frequentemente cansaço diurno.<sup>13</sup> Este é um aspeto importante e que deve ser monitorizado. No presente estudo, 44% dos adolescentes assumiram receber chamadas ou mensagens de texto durante a noite, o que se poderá repercutir no sono e consequentemente na aprendizagem.

A população de adolescentes estudada utilizava a internet e telemóvel para comunicação frequente com os amigos, reforçando as suas relações *inter pares offline*. No entanto, a comunicação com desconhecidos *online* foi referida por mais de metade dos inquiridos, sendo preocupante que em 56% destes o contacto se estendeu *offline*.

Uma percentagem significativa destes adolescentes revelou já ter estado envolvida em situações de *cyberbullying* e a maioria dos envolvidos reportou o caso a amigos e não a professores ou familiares, o que torna esta situação muitas vezes desconhecida para os adultos, contribuindo para que se perpetue a longo prazo. É necessário sensibilizar a escola, os pais e professores para esta problemática.

No presente estudo a prevalência de sintomas depressivos foi ligeiramente inferior à da literatura. Num estudo realizado em Portugal e com a mesma escala, a média de pontuações totais foi de 11,44, com um desvio padrão de 9,5 (pontuações variaram entre zero e 60, apresentando 71% depressão mínima; 15% depressão ligeira; 8% depressão moderada e 6% depressão severa).<sup>14</sup> No entanto, poderão ter contribuído para essa divergência as diferentes características da amostra utilizada, nomeadamente no que se refere à idade dos participantes.

A associação entre *cyberbullying* e depressão encontrada no presente estudo é consistente com estudos anteriores,<sup>1,15</sup> mas a investigação longitudinal é escassa. Num estudo que incluiu 242 adolescentes israelitas foi

Tabela 1. Relação entre depressão, utilização excessiva das tecnologias digitais e envolvimento em situações de provocação através da internet ou telemóvel (n = 253)

| Variáveis   | Sem depressão<br>n = 204 (80,6%) | Com depressão<br>n = 49 (19,4%) | p     |
|---|----------------------------------|---------------------------------|-------|
| Utilização computador ≥ 4 h / dia                       | 28 (14%)                         | 12 (25%)                        | NS    |
| Comunicar pela internet > 1 vez / dia                   | 76 (37%)                         | 16 (33%)                        | NS    |
| Situação de provocação através da internet ou telemóvel | 29 (14%)                         | 17 (35%)                        | 0,002 |

h - horas; NS - não significativo.

descrito que a *cyber* vitimização estaria significativamente relacionada com tristeza e depressão.<sup>16</sup> Um outro estudo investigou a relação entre várias formas de vitimização (incluindo *cyberbullying*) e depressão, ideação suicida e tentativa de suicídio em 2342 adolescentes americanos.<sup>17</sup> Comparando com os estudantes não vítimas, todas as formas de vitimização frequente estavam associadas com o aumento do risco de depressão e suicídio.<sup>17</sup> Contudo, os adolescentes vítimas não são os únicos com risco aumentado de problemas. O estudo da relação entre suicídio e envolvimento no *bullying* tradicional ou *cyberbullying* como vítima ou como agressor demonstrou que, em comparação com os adolescentes não envolvidos, os restantes apresentavam maior nível de ideação suicida.<sup>18</sup> Verificou-se também que o envolvimento em situações de *cyberbullying* (como vítima ou como agressor) está relacionado com sintomatologia depressiva e ideação suicida, realçando que tal associação é independente do envolvimento nas formas tradicionais de *bullying*.<sup>2</sup> As mesmas conclusões foram reportadas por outros autores.<sup>19</sup>

Tendo em conta o aumento da acessibilidade às tecnologias digitais nas escolas e nos domicílios, associado à evidência de que os jovens vítimas de *cyberbullying* pedem menos ajuda e reportam menos a situação do que os jovens vítimas de *bullying* tradicional, o problema emergente do *cyberbullying* deve ser estudado e considerado com grande preocupação.

As estratégias contra o *cyberbullying* devem incluir formação dos jovens sobre medidas de privacidade e de segurança na internet. Considerando a dificuldade em remover comentários e fotografias da internet e o facto de a informação ficar permanentemente partilhada *online*, não é surpreendente que o *cyberbullying* possa representar um fator de risco adicional e independente de sintomatologia depressiva.

Relativamente ao tempo de utilização das tecnologias digitais, não se encontrou uma relação estatisticamente significativa entre o tempo de utilização da internet e os sintomas depressivos, o que é concordante com outros estudos.<sup>3</sup> Da mesma forma, também na literatura são apresentados resultados controversos quanto à associação entre a utilização de redes sociais e sintomas depressivos.<sup>9,20,21</sup>

Este estudo analisa uma problemática crescente, sobre a qual a informação disponível é ainda escassa. O conhecimento da nossa realidade é importante para implementar estratégias de forma a prevenir os riscos da utilização crescente das tecnologias digitais. Contudo, os autores reconhecem que o estudo apresenta algumas limitações. Os adolescentes incluídos não podem ser assumidos como representativos da realidade nacional e como se trata de um estudo transversal, a direção causal da relação entre depressão e *cyberbullying* não pode ser determinada. Além disso, a utilização de uma escala de autopreenchimento para aferição de sintomas depressivos, sem recurso a avaliação clínica, é uma limitação importante, que poderá confundir os resultados, assim como a não validação do questionário utilizado. Em conclusão, o acesso às tecnologias digitais é praticamente universal entre os adolescentes e em idades cada vez mais precoces. A possível associação entre *cyberbullying* e depressão deve ser estudada e rastreada, nomeadamente através de estudos longitudinais.

#### Conflitos de Interesse

Os autores declaram a inexistência de conflitos de interesse na realização do presente trabalho.

#### Fontes de Financiamento

Não existiram fontes externas de financiamento para a realização deste artigo.

#### Proteção de Pessoas e Animais

Os autores declaram que os procedimentos seguidos estavam de acordo com os regulamentos estabelecidos pelos responsáveis da Comissão de Investigação Clínica e Ética e de acordo com a Declaração de Helsínquia da Associação Médica Mundial.

#### Confidencialidade dos Dados

Os autores declaram ter seguido os protocolos do seu centro de trabalho acerca da publicação dos dados de doentes.

#### Correspondência

Catarina Maia  
catarinammaia@gmail.com

**Recebido:** 4/12/2014

**Aceite:** 17/3/2015

#### Referências

1. Yang SJ, Stewart R, Lee JY, Kim JM, Kim SW, Shin IS, et al. Prevalence and correlates of problematic internet experiences and computer-using time: A two-year longitudinal study in Korean school children. *Psychiatry Investig* 2014;11:24-31.

2. Bonanno RA, Hymel S. Cyber bullying and internalizing difficulties: Above and beyond the impact of traditional forms of bullying. *J Youth Adolesc* 2013;42:685-97.

3. Moutinho AI, Oliveira AR, Torres B, Costa N, Brito S, Azevedo S. E-DARS - Estudo da depressão em adolescentes e redes

- sociais. *Adolesc Saúde* 2013;10:30-8.
4. Matos MG, Simões C, Tomé G, Camacho I, Ferreira M, Ramiro L, et al. A saúde dos adolescentes portugueses, relatório do estudo HBSC 2010. Lisboa: Centro de Malária e Outras Doenças Tropicais e Faculdade de Motricidade Humana; 2012.
  5. Viveiro C, Marques M, Passadouro R, Moleiro P. Os adolescentes e a internet: padrões de (ab)uso. *Adolesc Saúde* 2014;11:7-18.
  6. Beck A, Steer R, Brown G. Manual for the Beck Depression Inventory II. San Antonio: Psychological Corporation; 1996.
  7. Campos RC, Gonçalves B. Adaptação do Inventário de Depressão de Beck II para a população portuguesa [consultado em outubro 2014]. Disponível em <http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/3948/1/Actas%20-%202011%20-%20BDI-II.pdf>
  8. Coelho R, Martins A, Barros H. Clinical profiles relating gender and depressive symptoms among adolescents ascertained by the Beck Depression Inventory II. *Eur Psychiatry* 2002;17:222-6.
  9. O’Keeffe GS, Clarke-Pearson K, Council on Communications and Media. The impact of social media on children, adolescents, and families. *Pediatrics* 2011;127:800-4.
  10. Mikami AY, Szwedo DE, Allen JP, Evans MA, Hare AL. Adolescent peer relationships and behavior problems predict young adults’ communication on social networking websites. *Dev Psychol* 2010;46:46-56.
  11. Livingstone S, Haddon L, Gorzig A, Kjartan O. Risks and safety on the internet: The perspective of European children. London: EU Kids Online; 2011.
  12. Gross EF. Adolescent Internet use: what we expect, what teens report. *Appl Dev Psychol* 2004;25:633-49.
  13. Van den Bulck J. Text messaging as a cause of sleep interruption in adolescents evidence from a cross-sectioned study. *J Sleep Res* 2003;12:263.
  14. Oliveira-Brochado F, Oliveira-Brochado A. Estudo da sintomatologia depressiva na adolescência. *Rev Port Saúde Pública* 2008;26:27-36.
  15. Wang J, Nansel TR, Lannotti RJ. Cyber and traditional bullying: differential association with depression. *J Adolesc Health* 2011;48:415-7.
  16. Olenik-Shemesh D, Heiman T, Eden S. Cyberbullying victimisation in adolescence: Relationships with loneliness and depressive mood. *Emotional Behav Difficulties* 2012;17:361-74.
  17. Klomek A, Marrocco F, Kleinman M, Schonfeld I, Gould M. Peer victimization, depression, and suicidality in adolescents. *Suicide Life Threat Behav* 2008;38:166-80.
  18. Hinduja S, Patchin JW. Bullying, cyberbullying, and suicide. *Arch Suicide Res* 2010;14:206-21.
  19. Perren S, Dooley J, Shaw T, Cross D. Bullying in school and cyberspace: Associations with depressive symptoms in Swiss and Australian adolescents. *Child Adolesc Psychiatry Ment Health* 2010;4:28.
  20. Gonzales AL, Hancock JT. Mirror, mirror on my Facebook wall: effects of exposure to Facebook on selfesteem. *Cyberpsychol Behav Soc Netw* 2011;14:79-83.
  21. Pantic I, Damjanovic A, Todorovic J, Topalovic D, Bojovic-Jovic D, Ristic S, et al. Association between online social networking and depression in high school students: behavioral physiology viewpoint. *Psychiatr Danub* 2012; 24:90-3.